

INDUSTRIALIZAÇÃO RECENTE DA REDE URBANA DO NORTE DO PARANÁ: CIDADES ESPECIALIZADAS EM PRODUÇÕES INDUSTRIAIS E TRANSFERÊNCIA INDUSTRIAL.¹

TANIA MARIA FRESCA²

RESUMO: O artigo discute a complexificação da rede urbana norte-paranaense a partir de dois processos de industrialização: a transferência industrial e a formação de cidades especializadas em uma produção industrial.

PALAVRAS-CHAVE: rede urbana, norte do Paraná, industrialização.

SUMARY: This article analyse increasing complex of the urban network north-paranaense, from two processes of industrialization: the industrial transference and the formation cities specialized in industrial production.

KEY-WORDS: urban network, north of Parana, indusriation.

INTRODUÇÃO

A rede urbana norte-paranaense apresenta-se como um rico e complexo campo de investigações geográficas, especialmente em período mais recente onde as transformações emanadas do movimento da sociedade realizam-se cada vez mais rapidamente. Um dos temas de fundamental importância em direção a compreensão da diversidade e complexidade desta rede, está ligado ao processo de industrialização que permite alterações de diversas ordens nas cidades, seja nos papéis desempenhados, nas interações espaciais estabelecidas, na dinâmica econômica (geração de empregos, impostos, lucros, etc.), dentre outros. Em muitos casos, o processo recente de industrialização gerou a presença de cidades especializadas em uma produção industrial, ou expandiu a produção em distintos núcleos urbanos mediante aproveitamento de potenciais latentes ou criados. Neste caso, tanto por investimentos locais e regionais ou pelo caminho de transferências de unidades produtivas, sejam empresas nacionais ou internacionais, intensificadas ao longo dos anos de 1990.

O objetivo deste trabalho é discutir dois caminhos do recente processo de industrialização da rede urbana norte-paranaense: a formação das cidades especializadas em produções industriais e as transferências industriais. Inicialmente explicita-se a compreensão da rede urbana, com enfoque aos processos de complexificação desta após os anos de 1970. Seguidamente analisa-se a formação das cidades especializadas e as transferências industriais, discutindo ainda a re-inserção dos núcleos na rede urbana.

1. A rede urbana norte-paranaense: transformações e complexificação

A rede urbana constitui-se em um "[...] conjunto de centros funcionalmente articulados [...]", (CORRÊA, 1989, p. 08), refletindo e condicionando as transformações econômico-sociais da sociedade. Deve-se entender que a gênese e a dinâmica de uma rede urbana estão inseridas no processo histórico que lhe atribui uma natureza eminentemente social e a torna uma dimensão sócio-espacial da sociedade, refletindo e condicionando essa mesma sociedade que a engendrou. Desta forma, a rede urbana é "[...] um produto social, historicamente contextualizado, cujo papel crucial é o de, através de interações sociais espacializadas, articular

¹ Este trabalho é uma versão modificada e ampliada em alguns aspectos de Fresca (2004, 2005)

² Departamento de Geociências – UEL

toda a sociedade numa dada porção do espaço, garantindo a sua existência e reprodução" (CORRÊA, 1997, p. 93).

Sendo ao mesmo tempo uma dimensão sócio-espacial da sociedade ou uma estrutura territorial, através da rede urbana verificam-se os processos de criação, apropriação e circulação do valor excedente (CORRÊA, 1989, p. 87), frequentemente alterados já que interligados à divisão territorial do trabalho, que também sofre constantes mudanças. Neste sentido entende-se que a "[...] rede urbana constitui-se simultaneamente em um reflexo da e uma condição para a divisão territorial do trabalho" (CORRÊA, 1989, p. 48), enquanto caminho profícuo para compreender como esta categoria se constitui num dos motores da vida social e da diferenciação espacial (SANTOS, 1996, p. 104).

Em momentos históricos anteriores como os anos 1950 e 1960, a análise de rede urbana norte-paranaense e correspondente compreensão dos núcleos urbanos pode ser realizada com base nas formulações gerais de Christaller (1966), como foram aquelas efetuadas por Geiger (1963) e Keller (1968). Ainda com base nas formulações christalleriana e nas contribuições efetuadas a esta teoria por Corrêa (1982), é possível entender que a rede urbana norte-paranaense apresentava-se naquele momento - os anos 1950 e 1960 - como sendo do tipo christalleriano. Neste sentido, a inserção da rede na divisão territorial do trabalho apresentava relativa fraca heterogeneidade produtiva, caracterizada fundamentalmente pela produção agrícola destinada ao mercado externo - com café, produto pelo qual ocorria a inserção na divisão internacional do trabalho - e ao mercado interno nacional com gêneros alimentícios e matérias-primas ao setor industrial, concentrado sobretudo em São Paulo. Com tal inserção, as cidades apresentavam-se como localidades centrais cuja essência era a distribuição de bens e serviços - correlacionada a produção, circulação, consumo - além daquelas funções vinculadas à produção propriamente dita como a coleta, transformação, comercialização e transporte. Do desempenho destas funções emergia uma diferenciação hierárquica entre as cidades muito mais pautada na quantidade do que na qualidade das funções desempenhadas.

Contudo, este referencial não é mais significativo para a análise da rede norte-paranaense atual que passou por uma complexificação, vinculada a intensificação dos processos de produção, circulação, distribuição e consumo. Na medida que processos gerais foram incidindo na rede urbana, emergiu uma heterogeneidade que antes não estava presente e onde o que mais se ressalta é a continuidade da diferenciação e redefinição dos lugares.

O primeiro aspecto para o entendimento da rede urbana norte-paranaense na atualidade é a sua inserção na divisão territorial do trabalho. O processo geral de modernização da agricultura brasileira ao atingir a rede provocou uma diversidade produtiva, tendo como uma de suas expressões, a implantação de complexos agroindustriais submetidos à lógica da produção e reprodução do capital industrial.

Para cada uma das produções instauradas diante da complexificação da divisão territorial do trabalho, relações econômico-sociais específicas foram desenvolvidas, como a inserção de áreas em nexos econômicos estabelecidos em escala internacional mediante comercialização de *commodities*, quer seja por uma estrutura cooperativa, por escritórios de transnacionais ou mesmo por agroindustriais da capital nacional.

Um segundo aspecto diz respeito às implicações que esta modernização trouxe para a dinâmica populacional, onde se destaca o esvaziamento demográfico do campo e aumento da urbanização. Não deixou de ser alarmante o fato dos municípios da rede urbana norte-paranaense terem passado por um crescimento negativo da população no período 1970-1991, enquanto a taxa de urbanização elevou-se. Nesta nova redistribuição populacional, cidades que nos anos de 1960 já eram as maiores do ponto de vista da população, tiveram seu crescimento reforçado, gerando - inclusive outros fatores econômicos-sociais - áreas de aglomeração físico territorial em Londrina e Maringá, transformadas em 1998, em regiões metropolitanas pelo governo estadual.

Do ponto de vista da produção propriamente dita, outras emergiram ou foram ampliadas para cidades da rede urbana, como a produção industrial. Se em momentos anteriores as cidades da rede caracterizavam-se por uma restrita produção industrial vinculada a sua

participação na divisão do trabalho, basicamente como localidades centrais, no final do século XX ocorreu um aumento desta produção mediante transferências industriais, investimentos locais e regionais, gerando inclusive cidades com especialização em dadas produções industriais.

Simultaneamente a uma outra densidade produtiva instaurada na rede urbana, ocorreu ainda a melhoria geral da circulação, enquanto etapa necessária entre produção, distribuição e consumo. As estruturas para a circulação, passaram por avanços permitindo maior fluidez e flexibilidade à circulação de pessoas, mercadorias, capital, idéias, valores.

Com estes elementos, observa-se que houve uma substancial mudança no papel e nas funções da rede urbana. Se esta pode ser considerada como uma forma espacial, através da qual funções se realizam emanadas de processos sociais que assumem características específicas na estrutura capitalista, no período considerado a maior mudança ocorreu nas suas funções.

O que ocorreu foi uma complexidade funcional dos centros urbanos traduzida agora em enormes diferenciações entre as cidades, manifesta na emergência de várias cidades especializadas - tanto em produção industrial como em serviços; na transformação de núcleos em reservatórios de força de trabalho rural; em cidades que colocaram-se como reguladoras e controladoras de parte da produção agrícola, as "cidades do campo" (SANTOS, 1994); em cidades que gradativamente ganharam novas funções vinculadas ao comércio e serviços. Outros centros perderam parte de suas funções e potencialidades funcionais latentes emergiram ou foram criadas (CORRÊA, 1997)

Tais diferenças foram construídas a partir da inserção de cada núcleo na divisão territorial do trabalho, correlacionada a contingência enquanto conceito que permite entender o resultado de uma seleção de inúmeras possibilidades - ditadas pelos processos gerais - de se realizarem no lugar. Mais ainda, tais transformações foram mediatizadas por agentes internos e externos que em razão de seus interesses e de suas capacitações técnicas foram capazes de perceberem a possibilidade de realização de um dos processos universais.

A medida que se ampliam as diferenças funcionais entre os centros, um dos aspectos desta complexidade é o fato de cada cidade situar-se em pelo menos duas redes. Uma destas redes é aquela das localidades centrais, mas correlacionada às transformações nas estruturas de consumo e aos níveis de demanda mais diferenciados, já que vinculada à maior estratificação social.

A segunda rede de inserção dos centros é menos sistemática e irregular porque envolve inúmeras relações de integração interna e externa e ao mesmo tempo manifesta novos padrões de desigualdade vinculada aos processos sociais. Em outras palavras, a inserção de um núcleo em outra(s) rede(s) ocorre vinculado aos outros papéis que este desempenha, sejam eles singulares ou complementares em relação a outros centros. E o fato da inserção em outra rede ser não sistemática e irregular é em realidade, uma das traduções das diferentes participações na divisão territorial do trabalho.

A partir deste referencial, procura-se entender a especialização monoindustrial (CORRÊA, 2004), estabelecida nas cidades de Arapongas, Apucarana e Cianorte, bem como as transferências industriais para núcleos urbanos da rede ao longo dos anos de 1990. Ao mesmo tempo, a compreensão destas produções implica na possibilidade de entender um dos aspectos da complexificação da rede urbana norte-paranaense no início do século XXI.

2. A especialização produtiva industrial em Arapongas, Apucarana e Cianorte

Foi no bojo dos processos de transformações que afetaram a agropecuária norte-paranaense nos anos 1960-1970, que ocorreu a gênese das produções industriais nas cidades em tela.

Em Arapongas foi implantado um setor moveleiro que teve em Natal Lachi (Móveis Lachi) e Adriano Romera (Simbal) os principais precursores. Ambos de origem urbana que

com o acúmulo de certa quantia oriunda de seus salários, iniciaram modestas atividades moveleira produzindo móveis sob encomenda e colchões respectivamente. Quando se diz que foram precursoras, refere-se ao fato de que destas unidades produtivas emergiram outras seja: pela criação de sociedades e quando de seu rompimento, um dos ex-sócios abriu nova empresa; seja pela fundação por parte de ambos, de outras indústrias em sociedade com outras pessoas; pela experiência gerada a funcionários que depois iniciaram atividades industriais. Contudo é marcante na gênese deste setor a transferência de capital de atividades agrárias para que um dos filhos iniciasse produção urbana ou ainda mediante residência urbana, um dos membros da família acumulasse certa quantia com atividades diversas (empregos, pequenos comércio, etc.) e iniciasse sua produção artesanal/industrial (SOUZA, 1998). Com capitais, estruturas físicas e produções modestas, a produção moveleira foi expandida ao longo das décadas subsequentes - pelo que denominou-se de contrato próximo, isto é, a partir da criação e expansão de algumas empresas, visíveis empiricamente - neste tamanho de cidade - pela contratação de novos empregados, aumento da produção, enriquecimento do proprietário, outras pessoas ligadas ou não a esta atividade passaram a fundar indústrias moveleiras (ex-empregados por exemplo).

Processo este que estendeu-se ao longo dos anos 1970 e 1980 com a fundação de outras indústrias e que permitiram no final dos anos 1980, Arapongas ter um setor industrial consolidado na produção de móveis, configurando o quarto polo moveleiro do Brasil (GORINI, 2003). São móveis residenciais, retilíneos, utilizando painéis de madeira como aglomerado, compensado, produzindo estofados cujo mercado consumidor era em escala nacional, concentrado sobretudo no Centro-Sul do país, tendo nas camadas sociais de menor poder aquisitivo seu grande destaque (CÂMARA, 2003; ABIMÓVEL, 2001; SERCONI, 2003).

Em Apucarana foi implantado um setor confeccionista especializado na produção de bonés, sendo inclusive adjetivada de "capital nacional dos bonés", já que é a maior produtora nacional dos mesmos.

Esta atividade foi iniciada a partir da ação de Jaime Ramos, de origem urbana, que para obter rendimentos produzia tiaras e chapeuzinhos artesanalmente na sua residência e os vendia nas portas do estádio de futebol e festas diversas. Mediante aceitação positiva do consumidor, fundou a Cotton's Bonés em 1977/78, que rapidamente expandiu produção mediante ingresso de um sócio de origem nipo-brasileira (comerciante de produtos agropecuários). Similar ao que ocorreu em Arapongas, também o rompimento da sociedade permitiu a formação de novas empresas com outros sócios e repetidamente a criação de outras unidades confeccionistas de bonés. Mais uma vez o contato próximo gerou a perspectiva de criações de outras unidades produtivas.

Cianorte por sua vez, teve a implantação de outro setor confeccionista produzindo roupas distintas como modinha (shorts, blusas, saias, etc.), roupas infantis, camisas e peças jeans. A iniciativa desta produção se deve a Cheble Mitri Abou Nabhan (filho de libanês que foi mascate no norte do estado e fixou residência em Cianorte em 1955). Cheble atuou no comércio familiar - loja de armarinho e confecção - até 1977, quando fundou sua primeira indústria confeccionista com recursos oriundos da atividade comercial. Principiando produção com roupas infantis e para a qual havia carência de produção na época, teve como primeiro cliente as Casas Pernambucanas. Mediante sucesso da atividade convidou parentes para iniciarem produção confeccionista e inclusive para realizar parte da mesma, já que sua indústria não era capaz de produzir face aos grandes pedidos. Mais uma vez o contato próximo gerou a implantação de elevado número de indústrias.

No final dos anos de 1980, a atividade teve sua consolidação, mediante rápido crescimento do número de estabelecimentos, do número de empregos gerados, de geração de rendas ao município. Contudo é bom frisar que a facção de jeans é um segmento importante na cidade, produzindo calças para grifes como Ellus, Pierre Cardin, Calvin Klein, etc.

Estas gênese de produções industriais nas cidades de Arapongas, Apucarana e Cianorte estão correlacionadas inicialmente às grandes transformações produtivas que ocorriam no norte do estado nos anos 1960-1970, ligadas a agropecuária. Em outras palavras, a desestruturação de uma produção propriamente dita ligada ao café, gêneros alimentícios e matérias-primas para

a comercialização, em pequenos e médios estabelecimentos com forte participação da mão-de-obra familiar e a implantação de uma outra produção ligada ao binômio soja-trigo, agroindústrias sucro-alcooleiras e pastagens, submetida a lógica da produção e reprodução industrial, trouxe implicações diretas para as economias municipais. Toda uma série de atividades comerciais, industriais e prestadoras de serviços presentes nas cidades e ligadas à anterior produção agrícola perderam sentido, já que ligadas às demandas do campo, que fora esvaziado demograficamente. Ao mesmo tempo ocorria a incidência de processos gerais que se singularizam nos lugares em análise, impondo outras produções agrícolas e a incidência de processos que indicavam outras possibilidades de se realizarem. E foi alguns destes que acabaram sendo "percebidos" por agentes locais que em razão de suas experiências, de seus interesses e condições econômico-sociais diversas, acabaram por transpô-los singularizadamente em Arapongas com indústrias moveleira, em Apucarana com produção de bonés e em Cianorte com confecção. A gênese destes setores industriais ocorreu em momentos em que a economia nacional vivia fases de retração em seu desenvolvimento econômico, correlacionado aos ciclos longos - Kondratieffs - e ciclos curtos - Juglar. Especialmente os últimos pois no início dos anos 1960 (1963-1967), quando emergiu o setor moveleiro correspondia a uma fase interna recessiva; entre 1974-1977, outra fase recessiva curta na qual emergiu confecção e bonés em Cianorte e Apucarana respectivamente, e para estes últimos já em um ciclo longo recessivo inaugurado em 1973 com a crise do petróleo (RANGEL, 1986). Tais elementos permitem compreender que no bojo de fases recessivas, agentes sociais buscam e implantam atividades novas - referidas às cidades estudadas - como estratégia para fazer frente ao desmonte de outras estruturas produtivas.

É neste sentido que estas cidades até os anos de 1960, podiam ser caracterizadas como centros sub-regionais na rede urbana norte-paranaense organizada no padrão tipo *christalleriana*. Enquanto centros sub-regionais na hierarquia urbana, estes lugares centrais distribuíam bens, ofertavam serviços e transformavam e comercializavam a produção rural (FRESCA, 2000). Mas, as transformações em curso iriam alterar profundamente esta caracterização das cidades, que de lugares centrais ligados ao atendimento de demandas da população rural e urbana, tornar-se-iam cidades onde a produção industrial complexificaria suas compreensões.

2.1. Caracterização das atividades industriais: matérias-primas, mercado consumidor e formas de comercialização

As cidades em estudo caracterizam-se por complexas interações espaciais envolvendo deslocamentos de pessoas, mercadorias, informações, capital, etc. já que são "[...] parte integrante da existência e do processo de transformação social" (CORRÊA, 1997 a, p. 280). As interações espaciais para Corrêa (1997 a, p. 295), permitem compreender "[...] os diferentes fluxos que articulam os fixos socialmente criados [...] caracterizados por lógicas que lhes conferem regularidades espaço-temporais que se reportam à organização social e a seu desigual movimento de transformação". Tal referência é importante tendo em vista que por intermédio das produções industriais de Arapongas, Apucarana e Cianorte, interações espaciais são estabelecidas em escalas distintas.

A origem das matérias primas para o setor moveleiro de Arapongas pode ser visualizada no quadro 1 a seguir, demonstrando que parte das mesmas são obtidas no estado de São Paulo, Paraná e na própria cidade. Importante referir que a madeira (MDF, aglomerado) tem predomínio de sua obtenção no próprio estado em cerca de 50%, tendo em vista ser um dos principais produtores nacionais, especialmente após 1998, quando entrou em operação a Tafisa, de propriedade do Grupo Sonae (CÂMARA, 2003). Destaque também para a própria cidade que já conta com inúmeras indústrias supridoras de matérias diversas.

Muitas destas unidades produtoras de matérias-primas, localizadas em Arapongas, correspondem em parte, a indústrias resultante do processo de verticalização de outras. É o caso da Simbal que nos anos de 1990, expandiu suas atividades incluindo a produção de matérias-primas para consumo próprio e comercialização para outras. Tal fato põe em relevo questionamento a respeito da chamada horizontalização da produção, isto é, se esta última tem sido colocada com explicações para evolução das indústrias e/ou estratégia para movimentação e expansão do mercado, outras indústrias tem na verticalização uma alternativa para sua continuidade.

Quadro 1: Origem das matérias-primas do setor moveleiro de Arapongas-PR

Matérias-primas	Origem
MDF*	Duralex-SP; Tafisa-PR
Aglomerados	Berneck-PR; Placas Paraná-PR;; Eucatex-SP; Duralex-SP
Mat. Plásticas	Vulcan-RJ
Vernizes, tintas	Sayerlack-SP
Tecidos	J. Serrano
Espuma	Trorion, fornecedores de Arapongas
Courvin	Idma
Grampos	Fornecedores de Arapongas
PVC (couro sintético)	Fornecedores de Arapongas

FONTE: Levantamento de campo

Câmara, 2003; Souza, 1998; Serconi, 2003

* Medium Density Fireboard.

Este fato também ocorre em Apucarana ao verificar-se a origem das matérias-primas para as confecções. O quadro 2 demonstra que além de indústrias com localização principal no estado de São Paulo e sua região metropolitana, a cidade em análise também é fornecedora de matérias-primas mediante várias unidades. Muitas destas, com origens e produções não vinculadas às confecções, mas a partir da expansão do setor, acabaram por diversificar suas linhas de produção, incluindo partes/acessórios para a mesma - caso da Sanetubos (produzindo tubos para saneamento básico) e Pandaplast (produzindo matérias plásticas), ambas de origem local. Quanto a verticalização, está também ocorreu por intermédio da criação de uma indústria têxtil como filial de uma confeccionista Kriswill, produzindo malhas para consumo próprio e revenda do excedente.

Contudo, destaca-se em Apucarana a criação de duas associações de industriais que tem na obtenção de matérias-primas uma de suas funções. A primeira foi a Associação Brasileira dos Fabricantes de Bonés de Qualidade – Abrafab'q - que reúne 8 empresas do setor (2 empresas com 60 empregados, 3 com 100, 1 com 280 e 1 com 170) .

Quadro 2: Origem das matérias-primas do setor confeccionista de Apucarana-PR

Matéria-prima	Origem
Nylon	Importado via atacadistas de RJ/SP
Tecidos	Santanense/MG; Rochester/SP; Horizonte Têxtil/MG; Valença Têxtil/BA; Paranatex – Apucarana; Jacira/SP; Santista/SP
Botões e acessórios de metais	Pandaplast – Apucarana; Eberle/SP
Linhas	Corrente/SP; Selta/SP; Sancris - Brusque/SC
TNT*	Apucarana e Arapongas (distribuidores atacadistas)
Aba plástica	Sanetubos – Apucarana
Entretela	Cia Brasfe/SP; Cottons – Apucarana
Viés	Cia Brasfe/SP; Peripan – Itaúna/MG
Acessórios em geral	Boneon – Apucarana; Dicatex – Apucarana; SP; RJ; PR

FONTE: levantamento de campo

* Tecido não tecido - nonwoven, utilizado para forração de bonés, estofados, dentre outros.

A segunda é a Associação das Indústrias de Bonés e Brindes de Apucarana - Assibbra - fundada em junho de 2000, reunindo em fevereiro de 2004, 17 micro e pequenas empresas do setor (2 com 6 empregados cada; 10 com 15 empregados e 5 com 30). Ambas associações tornaram-se uma central de compras de matérias-primas como forma de rebaixar os custos pela quantidade adquirida e ao mesmo tempo criaram um estoque regulador para seus afiliados.

Cianorte por sua vez, tem as matérias-primas oriundas do Estado de São Paulo e Santa Catarina adquiridas junto as indústrias (tecidos e malhas) e os aviamentos por intermédio de atacadistas paulistas, cariocas e mineiros conforme quadro 3. Neste caso não houve o desenvolvimento de unidades produtivas locais que atendam parte da demanda de matérias-primas, nem da verticalização. Em parte talvez isso de deva a forte participação das facções, isto é, a produção de peças onde são fornecidas matérias-primas, moldes, embalagens, etc. pela contratante - normalmente grifes famosas - para a confeccionista cianortense que tem custo estabelecido a partir da mão-de-obra, o que para alguns empresários do ramo é considerado como "terceirização de mão-de-obra".

Quadro 3: Origem das matérias-primas das indústrias de confecções de Cianorte-PR

Matérias-primas	Origem
Tecidos	Celene-Cerquinho/SP; Sorocaba/SP; Americana/SP; Vicunha - Fortaleza/CE
Malhas	Brusque, Tubarão, Jaraguá do Sul/SC
Aviamentos	atacadistas de São Paulo; Maringá, Rio de Janeiro e Minas Gerais

FONTE: levantamento de campo

Com relação ao mercado consumidor, as interações espaciais estabelecidas são amplas, em escala nacional mas com maior concentração no Centro-Sul brasileiro.

Arapongas tem mercado consumidor nacional em cerca de 89% (SERCONI, 2003, p. 87), concentrado nos estados da região Sul, Sudeste e Centro-Oeste, enquanto o Nordeste tem pouca representação e cerca de 10% da produção é destinada a exportação sobretudo para os países do Mercosul, já que tentativas de exportações para os EUA e outros países não foram bem sucedidas face as diferenças problemas. Mas, em 1997 o índice de exportação paranaense foi de 8% (GORINI, 2003); em 1998 foi de 7% (ABIMÓVEL, 2001); em 1999 foi de 9% (CÂMARA, 2003).

Quanto ao mercado consumidor nacional, os principais compradores correspondem as grandes redes de comercialização de móveis e eletrodomésticos como Casas Bahia, Magazine Luiza, Brasimac, Ponto Frio, Dudony, A Mafhuz, Lojas CEM, e inúmeras redes com atuação regional como é o caso da Móveis Romera e Darom Móveis, ambas no Paraná. As formas de comercialização são variadas, onde 57% das vendas são realizadas via representantes comerciais, 21,2% nas lojas dos próprios fabricantes; 11,5% com varejistas e 9,6% para atacadistas (SERCONI, 2003, p. 87).

Outra estratégia para divulgação dos produtos e incremento nas vendas é a realização da Feira de Móveis do Estado do Paraná - Movelpar - , criada em 1997 com edição bianuais a partir da ação de vários empresários do setor, inclusive com a construção do recinto denominado Expoara.

Em Apucarana a comercialização dos produtos têm nos representantes comerciais sua mais importante forma de venda, dispersos por todo o país, mas 60% das mesmas concentram-se na região metropolitana de São Paulo e 40% distribuídas entre os estados do Rio de Janeiro,

Espírito Santo, Paraná, Minas Gerais, Bahia e estados nordestinos. Uma segunda forma de vendas está nas licitações efetuadas por órgãos públicos como Embrapa, Iapar, etc. para aquisição de bonés e camisetas, forma esta em que há menor parte das empresas apucaranaenses. Uma terceira forma é a produção de brindes (bonés, camisetas, etc.) mediante pedido efetuado por agência de propaganda/publicidade para atender uma dada empresa.

Cianorte por sua vez também tem mercado consumidor bastante amplo, mas concentrando sobretudo no Centro-Sul do país para a produção das marcas próprias das indústrias confeccionistas, já que sobre a produção via facção, não se tem controle. Quanto aos sistemas de comercialização tem-se 50% da produção vendida localmente em *outlet-centers* - shopping-centers por atacado - concentrando lojas de fábricas, enquanto os representantes comerciais são responsáveis pela outra metade das vendas. Tanto quanto em Arapongas, a realização da Expovest em Cianorte dinamiza o processo de vendas já que está inclusa no calendário nacional da moda.

2.2. Evolução da produção e geração de empregos

Aspecto crucial em direção ao entendimento da conformação de setores industriais em direção à especialização produtiva das cidades em tela, está na evolução da produção e na geração de empregos.

Da condição de produtores de móveis simples como mesa, cadeira e colchão, rapidamente os industriais de Arapongas passaram a produzir estofados já nos anos de 1970, para nas décadas subsequentes expandirem suas linhas de produção incluindo quase todos os móveis residenciais, retilíneos, em madeira (aglomerado, compensado e MDF), e menor presença os de metal (tubulares), além de continuidade dos anteriormente citados.

Arapongas ocupava em 1998, o quarto lugar dentre os pólos moveleiros nacionais, tanto em número de empresas como de empregos gerados, números estes que evoluíram positivamente até 2002, quando teve-se o total de 152 estabelecimentos e 7.143 empregos gerados conforme tabela a seguir.

Tabela 1: Evolução do número de estabelecimentos e empregos gerados na indústria de madeira e mobiliário em Arapongas, no Estado do Paraná e Brasil: 1990-2002

ANO	Arapongas		Paraná		Brasil	
	Nº. Estab.	Nº. Empregos	Nº. Estab.	Nº. Empregos	Nº. Estab.	Nº. Empregos
1990	88	3.085	3.313	53.345	26.904	341.195
1996	121	5.373	3.631	58.710	26.317	338.895
2000	147	6.454	4.419	68.479	30.895	396.501
2002	152	7.143	4.396	73.365	31.100	411.492

FONTE: Brasil. MTE - RAIS, 1990-2002

Chama a atenção, evolução positiva em número de estabelecimentos e empregos em Arapongas na indústria de madeira e mobiliário, cujo crescimento no período considerado foi da ordem de 72,72% e 131,53% respectivamente. Na última data da tabela, o número de estabelecimentos representava 3,45% do Paraná e 0,48% do Brasil enquanto o total de empregos representava 9,73% e 1,78%, do estado e do país. Contudo, é nítido que as maiores taxas de crescimento em Arapongas ocorreram no intervalo entre 1990-1996 com cerca de 37% e 74% para estabelecimentos e empregos respectivamente, para depois passar por certo arrefecimento nos índices, especialmente entre 2000-2002 com 3,4% e 10%. Tais fatos podem ser entendidos a partir da conjuntura nacional da década de 1990 com rápidas mudanças macroeconômicas. Em outras palavras, na primeira metade da década, o controle forçado da inflação teve implicação positiva na cidade, na medida em que ampliou o consumo para parcela da população com menor poder aquisitivo, já que os preços passaram a ser relativamente estáveis. Já a partir do segundo mandato do governo FHC, as medidas anteriormente adotadas perderam vigor com repercussão em Arapongas via redução no ritmo

das taxas de crescimento, embora tenham se mantidas positivas mediante a adoção de várias estratégias por parte dos industriais para se manterem no mercado, a ser discutida a seguir.

Na contrapartida o estado do Paraná apresentou crescimento positivo para o número de estabelecimentos até 2000, para acumular crescimento de 5% até 2002. Situação diferente para os empregos que foi positiva para todo o período apresentado, mas com redução de taxas entre 2000-2002. Diferente de Arapongas, a taxa de crescimento para o estado ao longo do período na tabela foi de 32,68% para estabelecimentos e 37,5% para empregos. O quadro brasileiro para o setor madeireiro e moveleiro foi diferente pois, entre 1990 e 1996, houve taxas negativas de crescimento em 2,18% para estabelecimentos e 0,67% para empregos; crescimento entre 1996-2000 em cerca de 17% e 16% respectivamente, para perder ritmo novamente até 2002, com acréscimo de 0,66% para estabelecimentos e 3,7% para empregos.

Quanto ao número de empregos, os dados são daqueles diretos - formais nas unidades produtivas, enquanto os indiretos são estimados em Arapongas em cerca de 15 mil.

Adjetivado de segundo pólo moveleiro do Sul do Brasil, a produção em 2003 era distribuída em 19,8% para armários; 19,8% para jogos de quartos; 16,7% para estofados; 15,1% de kits de cozinhas e 12% de rack/estantes (SERCONI, 2001, p. 80). Produção esta bastante variável em termos de qualidade, indo desde os mais simples até aqueles para a classe média. Isto coloca em relevo a questão da diversificação das linhas de produção enquanto uma das estratégias adotadas pelos industriais, especialmente nos anos de 1990. Esta década trouxe sérias implicações para o setor industrial brasileiro face as medidas e políticas econômicas adotadas pelos governos federais como a planejada abertura do mercado interno; início das privatizações de unidades produtivas; a facilitação ao ingresso do capital estrangeiro no país; pelo controle forçado da inflação; a sobrevalorização do câmbio; aumento das taxas de juros; adoção do neoliberalismo e da "globalização", dentre outros.

Diante deste quadro pouco compreendido mediante análise rangeliana, os empresários de Arapongas - onde predominam micro e pequenas empresas pois 42,2%, tem entre 5-19 empregados; 35,6% tem entre 20-29 empregados (SERCONI, 2003, p. 80) - buscaram e implantaram várias estratégias como: diversificação das linhas de produção, incluindo matérias-primas e modelos mais baratos; redução de produção diante da contração do mercado consumidor especialmente após 1998, quando do início do segundo mandato de FHC, obrigando as empresas a trabalharem abaixo de sua capacidade produtiva; redução do número de funcionários - que se reflete na perda de ritmo de crescimento dos empregos gerados na tabela 1; uso de recursos financeiros particulares para cobrir prejuízos da indústria; implantação da estrutura industrial verticalizada - para grandes empresas como a Simbal - incluindo produção de parte das matérias-primas utilizadas, denotando que a verticalização se tornou uma das estratégias para redução de custos e contraria tendências explicativas de que a produção tenha sido tornada horizontal; para certas linhas de produção como a de estofados foi implantado sistema toyotista de produção (células de produção, just-in-time, kan-ban, etc.) dentre outros.

Apucarana por sua vez, tornou-se a "capital nacional do boné", adjetivação dada nos anos de 1990 quando o setor passou a responder por parcela significativa da produção nacional, estimada em cerca de 70% para o ano de 2003.

A tabela 2 a seguir expressa a evolução do número de estabelecimentos e empregos gerados no período 1990-2002 para o setor de indústria têxtil de vestuário e artefatos e tecidos.

Tabela 2: Evolução do número de estabelecimentos e empregos no setor da indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos de Apucarana, do Estado do Paraná e do Brasil: 1990-2002.

LOCAL ANO	Apucarana		Paraná		Brasil	
	Nº. Estab.	Nº. Empregos	Nº. Estab.	Nº. Empregos	Nº. Estab.	Nº. Empregos
1990	61	1.269	1.931	27.492	40.307	831.404
1996	135	3.397	2.500	34.962	40.308	662.021

2000	251	4.209	3.289	47.479	44.200	702.094
2002	313	5.335	3.794	55.966	48.047	725.131

FONTE: Brasil. MTE - RAIS

NOTA: Em janeiro de 2004, a Prefeitura do Município de Apucarana informava o total de 521 estabelecimentos confeccionistas na cidade, mediante trabalho daquela gestão em criar condições para o cadastramento de todas as unidades produtivas.

Uma ressalva é necessária: dados específicos para a produção de bonés, inclusive nos artefatos de tecidos ou confecção, não são disponíveis em fontes oficiais, por isso optou-se por estes dados de modo a expressar a importância do mesmo.

Observa-se inicialmente uma evolução positiva em Apucarana tanto para estabelecimentos como empregos, cuja taxa de crescimento no período foi de 413,11% e 320,40% para as variáveis respectivamente. A participação da cidade em relação ao total paranaense e brasileiro também evoluiu positivamente pois em 1990, representava 3,15% do total de estabelecimento no Paraná e 0,15% do Brasil, enquanto dos empregos os índices eram 4,61% do Paraná e 0,15% do Brasil; em 2002 representava 8,24% e 0,65% para os estabelecimentos paranaenses e brasileiros, enquanto os empregos eram 9,53% do Paraná e 0,73% do Brasil, de um dos setores que mais emprega no país. Na contrapartida, o país apresentou evolução diferenciada pois entre 1990-1996 o número de estabelecimentos permaneceram praticamente o mesmo enquanto os empregos foram reduzidos em cerca de 20%. No período 1996-2000 e 2000-2002 ocorreu retomada do crescimento dos estabelecimentos e empregos, mas este último em pequenas taxas e sem alcançar o total de 1990, acumulando no período 1990-2002, taxa negativa de 12,78%. O Paraná por sua vez acumulou taxas positivas de crescimento para estabelecimentos e empregos, cujos índices em todo o período foram de 96,47% e 103,57% respectivamente.

Contudo, em Apucarana o total de empregos pode ser maior vinculado a informalidade presente no setor confeccionista, isto é, a realização por parte de costureiras de etapas da produção - costura, acabamento, etc. - denominado de facção ou terceirização de mão-de-obra, para o qual não há vínculos empregatícios.

Do ponto de vista da produção propriamente dita, empresários do setor estimavam uma produção de cerca de 3,5 milhões de bonés/mês em novembro de 2003, representando algo em torno de 70% da produção nacional, em uma atividade onde predomina micro e pequenas empresas. Se os bonés representam a especialização industrial na cidade, há que se considerar a diversificação dos mesmos bem como a inclusão de outros produtos ligados aos brindes promocionais especialmente na década de 1990. Mais uma vez esta década trouxe implicações positivas e negativas ao setor, obrigando os proprietários a adotarem inúmeras estratégias para manutenção e expansão de suas atividades. Estas foram: introdução da facção ou terceirização da mão-de-obra vinculada a sazonalidade do mercado, juntamente com a redução de custos pelo não pagamento de encargos trabalhistas. Tal estratégia permite que empresas com reduzida capacidade produtiva aceite pedidos/encomendas muito acima de sua capacidade; melhorias técnicas para a produção via introdução de máquinas desenvolvidas especialmente para os bonés; introdução do computer aided design - CAD; introdução de máquinas para a realização de bordados na linha de bonés promocionais (até então realizados via silk screen); redução de custos das matérias-primas pela aquisição das mesmas em Apucarana mediante a consolidação de fornecedores, sejam eles atacadistas e/ou produtores.

A partir do final dos anos de 1990, e início dos anos 2000, a retração do mercado consumidor e aumento dos preços das matérias-primas articuladas ao contexto nacional, implicaram na adoção de outras estratégias: diversificação da linha de produção, até então concentrada nos bonés promocionais, foram ampliados com camisetas, bolsas/sacolas (nylon, lona, etc.), revenda de porta CD's, bolas em couro, camisas em tecidos diversos, etc.; criação de associações de empresas para dentre outras, aquisição de matérias-primas com redução dos custos pela quantidade adquirida; início da verticalização da produção com implantação de tecelagem para produção de malhas de algodão; abertura de filiais em cidades/estados onde os

incentivos fiscais recebidos e menor custo de mão-de-obra (comparativo a Apucarana) garantem expansão nos negócios; busca de novos mercados, principiando a exportação mas ainda pouco significativo mediante desconhecimento da burocracia e da preferência do mercado externo; introdução de linha de bonés para lojas, isto é, bonés com grifes para lojistas e ampliação do segmento de brindes como canetas e chaveiros, etc.

Cianorte por sua vez, tem outras características produtivas que as diferem de Apucarana, pois atua com as confecções em geral, masculina e feminina, com jeans e tecidos diversos, além de estilos de roupas bastante distintos, dos requintados aos mais simples. Adjetividade de "capital do vestuário" em meados dos anos de 1980, pelo então prefeito municipal quando a produção confeccionista já assumia importância na geração de empregos e rendas, esta continuou a ser crescente nos períodos vindouros.

A tabela a seguir demonstra o rápido crescimento numérico de estabelecimentos e empregos gerados em Cianorte entre 1990-2002, cujos índices de crescimento em todo o período foram de 554,23% para estabelecimento e 53,19% para empregos.

Contudo, a evolução dos estabelecimentos foi sempre positiva embora a taxas decrescente pós 1996, enquanto a geração de empregos foi negativa entre 1990-1996 em 16,86%, recuperando seu crescimento a partir de então.

Tabela 3: Evolução do número de estabelecimentos e empregos no setor da indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos de Cianorte, do Estado do Paraná e Brasil: 1990-2002.

LOCAL	Cianorte		Paraná		Brasil	
ANO	Nº. Estab.	Nº. Empregos	Nº. Estab.	Nº. Empregos	Nº. Estab.	Nº. Empregos
1990	59	2.111	1.931	27.492	40.307	341.195
1996	149	1.755	2.500	34.962	40.308	338.895
2000	315	2.868	3.289	47.479	44.200	396.501
2002	386	3.234	3.794	55.966	48.047	411.492

FONTE: Brasil. MTE – RAIS

Tal fato se explica pela forte crise que afetou o setor em 1994, quando da instauração do Plano Real, ainda considerada pelos empresários do setor como da "quebradeira geral" pois: tiveram que incorporar taxas de juros "reais" aos produtos; pela não disponibilidade de recursos via aplicações financeiras; pelo fim da inflação, etc. Novas condições financeiras e administrativas eram impostas para as quais o setor teve que se ajustar, provocando num primeiro momento, redução do número de empregados, que logo voltou a crescer mediante expansão do mercado consumidor.

Se em 1990 o setor representava 3,05% do total de estabelecimentos do estado e 0,14% do total nacional, em 2002 estes índices atingiram 10,17% e 0,80% respectivamente. A participação nos empregos oscilou de 7,67% em relação ao Paraná e 0,25% em relação ao Brasil em 1990, para declinarem em relação ao estado com 5,77% e ampliarem em relação ao nacional para 0,44% em 2002. A redução em relação ao estado implica que outros lugares estejam ampliando o número de empregos gerados já que este dado evoluiu positivamente para todo o período considerado na tabela. Acrescente-se ainda que o uso de "terceirização de mão-de-obra" seja muito expressivo na cidade – implicando em forte informalidade no emprego - onde se verifica relativo baixo número de desempregados, inclusive masculinos, que trabalham na etapa da costura reta em jeans, para os quais se adaptam melhor.

Tanto quanto nas outras cidades, os empresários de Cianorte adotaram inúmeras medidas ao longo dos anos de 1990, para se manterem no mercado como: implantação de lavanderias industriais para os jeans como forma de controlar a qualidade da lavagem/coloração/amaciamento e custos, seguindo diretrizes ambientais; abertura de filiais por parte das maiores empresas, para produção nas cidades vizinhas (Tapejara, Terra Boa),

mediante benefícios recebidos e pelos mais baixos salários da mão-de-obra; construção de *outlet-centers*, isto é, shopping-center de vendas no atacado; ampliação das facções para grifes famosas, como Ellus, Forum, Zoomp, etc.; introdução da mão-de-obra masculina nas confecções; implantação de órgãos como o Sebrae, Senai e recentemente do curso de Moda em nível superior (início dos anos 2000); ampliação das vendas para pronta-entrega nos *outlet-centers*; atuação dos empresários via Associação das Indústrias de Confecção e do Vestuário de Cianorte, na implantação de forte marketing para divulgação da produção e da feira Expovest, incluída no calendário da moda nacional; ampliação da produção de grifes próprias por parte dos empresários, algumas inclusive com a implantação de rede de lojas em shopping-centers (Pura Mania, Morena Rosa, Lúcia Figueiredo, etc), no Centro-Sul do país; reforço das vendas por representantes de vendas, dentre outros.

3. Transferências Industriais

Desde a década de 1980, conhecida como a "década perdida" ocorreu de modo geral a perda de ritmo de crescimento econômico brasileiro comparativo à década anterior - e que somente Rangel (1986;1987), analisou-a ligada ao agravamento dos efeitos da fase "b" do quarto Kandratieff, inaugurado em 1973 com a crise do petróleo e pela incapacidade estatal de gerar novas áreas de investimentos e usar setores com capacidade ociosa - e que perdurou ao longo dos anos de 1990, com inúmeras repercussões ao processo de industrialização e desenvolvimento econômico nacional e norte-paranaense.

A ascensão de Collor ao poder em 1990, marcando o início de uma política neoliberal ligada aos interesses do imperialismo norte-americano, foi caracterizada dentre outras, pela planejada abertura do mercado interno, pelo início das privatizações de unidades produtivas, pela facilitação ao ingresso do capital estrangeiro no país, pelo não ataque aos nós de estrangulamentos da economia, isto é, os setores como infra-estrutura e serviços públicos precisavam ser modernizados e ampliados (RANGEL, 1986). A continuidade deste processo nos dois mandatos de FHC, com o controle forçado da inflação, criando ares de estabilidade, retomada momentânea do crescimento industrial, essencialmente dos bens de consumo, não foram suficientes para romper a fase recessiva. Nosso desenvolvimento econômico-social ainda está por ser retomado haja vista as altas taxas de desemprego, a elevação da taxa de inflação, a elevada taxa de juros no mercado financeiro quando FHC encerrou seu governo.

Estas medidas e políticas implicaram para inúmeros setores industriais nacionais, a busca de alternativas distintas para sua permanência no mercado, mesmo quando foram afetados por fusões, aquisições e perda do controle acionário para o capital internacional.

Neste quadro de óbvias constatações, o norte do Paraná foi uma das áreas atingidas por novos processos ligados à produção industrial, que diferente das fases precedentes, não tem mais na produção agroindustrial sua única marca, embora seja de forte presença mas em nível qualitativo superior.

Esta nova etapa da industrialização no norte do Paraná nos anos 1990, permite compreender aspectos de como esta área tornou-se uma das preferenciais para nova localização industrial, bem como levantar apontamentos indicativos das estratégias adotadas por alguns setores produtivos para continuidade de suas atividades.

O quadro 4 a seguir é um indicativo das transferências industriais para cidades da rede urbana ao longo da década de 1990 e início do século XXI. Trata-se de algumas das empresas pesquisadas e não o resultado de um levantamento detalhado de todas aquelas que escolheram a área em tela para sua localização ou atuação.

O primeiro aspecto diz respeito as datas de implantação das unidades, que linhas gerais, concentram-se nos últimos anos da década de 1990, mas a decisão da implantação/transferência ocorreu anos antes, cuja diferença se deve a maturação do projeto (negociações políticas, escolha da área, construção do prédio, início de operação, etc.). O segundo aspecto diz respeito ao local de origem destas empresas, tendo como predomínio São Paulo e sua região metropolitana, exceto as unidades de capital internacional que se

implantaram diretamente no norte do estado. Em terceiro lugar denota-se indústrias cujo mercado consumidor é bastante amplo, em escala nacional mas concentrado sobretudo no Centro-Sul do país, à exceção daquelas unidades que são fornecedoras de outras, também localizadas na mesma cidade. Outro aspecto destas transferências articula-se a discussão sobre desconcentração e descentralização industrial, bastante recorrente na literatura desde os anos de 1970, que afetou inicialmente o estado de São Paulo (NEGRI, 1996). No entanto, o que se verifica mais recentemente no norte do Paraná é o processo de desconcentração da produção propriamente dita, onde parcela das indústrias continuaram a ter seus centros de decisões em São Paulo e região metropolitana, como é o caso da Atlas, Pado, Yoki, etc. Outras tem suas gestões e decisões emanadas de outros países articuladas pois, a diferentes formas de controle acionário como são a Milênia (Israel, grupo Koor), Mac sol (Japão, Marubeni Corporation, que controla ainda a Iguazu Café Solúvel em Cornélio Procopio), Bunge Fertilizantes e Seara (Argentina, Grupo Bunge & Born). Isto não significa que mesmo contando com sedes/escritórios em São Paulo, parcela das decisões encontram-se no âmbito internacional. Mas, tem-se unidades transferidas onde a gestão também acompanhou a unidade produtiva, mas envolvendo empresas de pequeno porte (FF Ind. e Com., Trialtec, etc.) ou aquelas que são fornecedoras de outras (Probind, JK, Fiel).

Chama a atenção a diversidade de produção destas unidades, envolvendo segmentos como alimentício, autopeças, químico e farmacêutico, plásticos, que alteraram até certo ponto a diversidade produtiva já existente nos núcleos urbanos da rede. Segmentos como plástico, médico-hospitalar, farmacêutico, fertilizantes, etc. eram inexistentes ou pouco significativos e foram dinamizados com as transferências.

Aquelas medidas e políticas econômicas adotadas ao longo dos anos de 1990, e que afetaram seriamente a produção industrial brasileira, foram singularizadas na rede urbana do Norte do Paraná por vários caminhos: 1) entrada ou expansão do capital internacional pela aquisição de indústrias brasileiras (Milênia, Atlas-Schindler, Dixie-Toga, Rexam do Brasil, etc); 2) entrada e/ou expansão do capital internacional implantando novas unidades industriais (Inquima, Bunge & Born, etc); 3) transferências de plantas industriais, sejam de capital nacional ou internacional que não foram afetadas por fusões, aquisições, mas que sofreram os impactos da grave etapa recessiva nacional. Excetuando-se aquelas que foram recentemente implantadas no norte do estado, oriunda de novos investimentos (Inquima por exemplo), as demais acabaram por realizar as transferências industriais.

No primeiro caso tem-se a Milênia Agrociências, pertencente ao grupo israelense Makhtsin Agan/Grupo Koor Industries, que adquiriu em 1998, a Herbitécnica (Londrina), a Defense (RS) e uma unidade em Taquari (RS), todas do segmento agroquímico e de capital nacional. A Milênia surgiu da fusão das duas primeiras, cuja sede ficou em Londrina. Com uma planta industrial de 270 mil m², opera 24 horas/dia, 350 funcionários, estrutura produtiva flexível, laboratórios para geração de novos produtos (moléculas), sendo responsável por 23,5% do faturamento do grupo Makhteshin Agan, colocando-a como primeira empresa em faturamento em Londrina e 46ª no sul do país.

Tem-se ainda neste caso, a transferência e expansão das atividades da Dixie Toga - oriunda da fusão das empresas Dixie Lalekla (EUA) e da brasileira Toga em 1995 - para Londrina marcando também o processo de rebaixamento de custos produtivos e estratégias para ampliação de mercado, com vistas ao Mercosul (LOPES, 1998, p. 3). Mas os processos de fusão e aquisição foram mais intensos para esta empresa que em 1998, teve 33% de seu controle acionário, adquirido pela Bemis (EUA); em 2005, esta última passou a controlar 79,4% da Dixie Toga.

Outra indústria regional foi adquirida pela Dixie Toga em 1998, a Itap (de Cambé, que havia em 1995 estabelecido contrato de *join-venture* com a Rexan do Brasil - EUA). Ao findar o contrato, a unidade foi adquirida pela Dixie, denominada Itap-Bemis (LOPES, 1998).

Na esteira dos processos de fusões e aquisições de empresas nacionais por grupos estrangeiros, a Rexan do Brasil permaneceu em Cambé com uma unidade de embalagens plásticas e de papel para o segmento médico-hospitalar e farmacêutico e em 2003 foi adquirida pela australiana Ancor Flexible Brasil Ltda, mantendo a mesma produção.

A Atlas Schindler - que resultou da compra da unidade de elevadores Atlas, do grupo Vilares, pelo grupo Schindler (da Suíça) em 1996 - teve sua unidade produtiva transferida de São Paulo para Londrina com início das operações em 1998. Ao realizar-se visita a mesma em 2003, foram claros os motivos da transferência: Londrina como cidade estratégica para o Mercosul; próxima a São Paulo, maior mercado consumidor; mão-de- obra barata; proximidade da mão de obra em relação à indústria; a cidade é uma referência nacional; acesso fácil e rápido ao Porto de Paranaguá; ter recebido terreno para construção da planta industrial de 36 mil m².

Produzindo 345 elevadores/mês e 1 escada rolante/dia em outubro/2003, tinha uma capacidade produtiva instalada para 600 elevadores/mês e 2 escadas rolantes/dia, refletindo a capacidade ociosa a ser eliminada de setores como metal-mecânico que Rangel (1986), colocava como caminho para retomada do desenvolvimento econômico nacional, na medida em que receberiam encomendas mediante a modernização e expansão de infra-estrutura urbana e serviços públicos diversos pelo caminho da concessão dos serviços públicos à iniciativa privada.

Outra indústria adquirida pelo capital internacional foi a londrinense Fast-Frio. Esta foi comprada pela Hussmann do Brasil Ltda (EUA). Processo complexo na medida que passa por diversas fusões e aquisições. Em 1996, Hussmann chega ao Brasil e adquiriu a Fast Frio em sua linha de refrigeração. Em 1997 a holding Ingerson Rand (EUA), adquiriu unidade da Thermo King de Campinas que também atuava no ramo de refrigeração e em 2000, a holding adquiriu todas as unidades mundiais da Hussmann. Estabeleceu-se no Brasil uma divisão denominada *climat control*, atuando no segmento refrigeração através da Hussmann e da Thermo King. Em 2001 no processo de "sinergia das operações fabris", a planta industrial campineira foi transferida para Londrina tendo como atrativos os subsídios recebidos, preço de mão-de-obra, logística de transporte e acesso fácil para exportação à América do Sul. Produzindo balcões refrigerados para supermercados, ar condicionado para ônibus, dentre outras, atinge todo o mercado consumidor nacional e exporta (em 2003/início de 2004) cerca de 10% da produção. Contudo, a exportação dos produtos de Thermo King atinge cerca de 20%, direcionados especialmente ao México.

No segundo caso, implantação de novas unidades produtivas pelo capital internacional, tem-se a Inquima Ltda, instalada em Cambé em 1999. Trata-se de uma empresa de capital argentino, pertencente ao grupo Alltec, que em seu processo de expansão do mercado consumidor, escolheu o norte do Paraná para implantar-se e Cambé por incentivos municipais como a oferta de um prédio para funcionamento da unidade.

O Grupo Bunge & Born também implantou uma unidade industrial em Cambé em 2000 - após a aquisição da Fertilizantes Manah e união desta com a Serrana, Iap e Ouro Verde, dando origem a Bunge Fertilizantes S.A. Em 2001 "[...] reestrutura o capital acionário das empresas Bunge Alimentos e Bunge Fertilizantes, criando a Bunge Brasil S.A. A nova empresa nasce como a maior produtora de fertilizantes do mundo [...]" (MINUCCI, 2004).

No terceiro caso, isto é, a transferência de indústrias para o Norte do Paraná, sejam de capital nacional ou internacional, tem-se uma diversidade de situação: aquelas de pequeno porte cujas razões estão na busca de rebaixamento de custos produtivos; por razões familiares; passando por grandes empresas na busca de melhor localização industrial (salários baixos, incentivos fiscais, expansão de mercado consumidor, etc); ou ainda aquelas que são fornecedoras de outras unidades e foram obrigadas e se transferiram.

A Pado S.A. é uma grande empresa transferida de São Paulo para Cambé em 1997. As razões? Rebaixamento dos custos produtivos, a começar pela mão-de- obra, pelos incentivos recebidos da prefeitura municipal e pela posição privilegiada da cidade para o mercado brasileiro. Empregando 700 funcionários na indústria em 2002, o piso salarial era de R\$ 350,00

ao passo que em São Paulo o piso era de R\$ 500,00. Além destes empregos na linha de produção, gerava mais 400 externos para acabamento das peças. Com um faturamento anual estimado em 100 milhões de reais, a empresa - que adquiriu a Fechaduras Brasil em 2001 - tinha a liderança dos cadeados (60 a 70% do mercado) e controlando de 30 a 40% do mercado brasileiro de fechaduras em 2002. Tem-se ainda outras grandes empresas como a Panco e Yoki Alimentos, onde a segunda transferiu sua unidade de derivados de milho para Cambará, em 1995, gerava 978 empregos, e mercado nacional para seus produtos, acrescido ainda a embalagem de especiarias.

Outros segmentos também foram afetados por transferências para o norte do Paraná como o metalúrgico, autopeças. É o caso de empresas como a Basemetal em 2000. Produzindo bancas de jornal, abrigos para ônibus, cabines de caixa eletrônico, tem mercado consumidor nacional, sendo uma empresa de capital brasileiro e manteve escritório em São Paulo. A Trialtec Paraná, uma micro empresa com 5 funcionários também procurou redução de custos, transferindo-se de São Paulo para Londrina, acrescidas ligações familiares. Produzindo anéis de vedação para válvulas pump e tubos pescantes, tem no Boticário e na L'Aqua de Fiori seu mercado consumidor. Tem-se ainda aquelas que são fornecedoras da Atlas-Schindler (vide quadro 4), que mediante transferência desta, foram obrigados a virem para o Norte do Paraná.

Estas transferências industriais implicaram em várias transformações, principiando pela geração de empregos e participação no valor adicionado. O segmento de fertilizantes e defensivos apresentou maior crescimento na participação no valor adicionado do estado nos anos 1990, atrás do automobilístico, celulose e papel. Tem concentração na Mesoregião Metropolitana de Curitiba e nas cidades de Londrina e Cambé. Para estas últimas que contavam com 9 estabelecimentos em 2000, houve importante expansão na participação do valor adicionado estadual que de 0,10% em 1990, passou para 0,43% em 1995 e 1,56% em 2000 e aumento de empregos absolutos de 614 em 1995 para 949 em 2000 (IPARDES, 2003).

No que respeita ao segmento de laminados, embalagens e artefatos plásticos, a expansão do número de empresas e volume de produção no norte do estado foi bastante acentuada - concentrando-se principalmente em Londrina, Cambé, Arapongas e Ibiporã - ao ponto do IPARDES (2003), ao analisar os arranjos produtivos locais e o novo padrão de especialização regional na indústria paranaense, considerar Londrina-Cambé com especialização no segmento plástico pois contava com 69 estabelecimentos em 2000, cuja participação no valor adicionado do estado evoluiu em 1990 de 0,15% para 0,44% em 1995 e 0,81% em 2000, enquanto os empregos evoluíram de 1463 em 1995 para 2668 em 2000, atrás apenas da região metropolitana de Curitiba que ostentava na última data participação no valor adicionado de 2,52% e 1285 empregos, mas com tendências de queda no ritmo de crescimento relativo entre 1990-2000 nos dois dados (IPARDES, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexificação da rede urbana do norte do Paraná se faz mediante diversos processos, dos quais discuti-se aqui a industrialização recente através das transferências industriais e formação de cidades com especialização monoindustrial. Diante da expansão desta produção propriamente dita, pode-se afirmar que os núcleos urbanos de Arapongas, Apucarana e Cianorte passaram a ter outra inserção na divisão territorial do trabalho e na própria rede urbana: de localidades centrais às cidades especializadas em produção industrial, garantindo ainda parcela significativa do volume nacional produzido destas mercadorias (bonés e móveis). Ao mesmo tempo a realização destas produções, impôs interações espaciais muito mais amplas, tanta para obtenção de matéria-prima, como comercialização das mercadorias, incluindo por certo, fluxos diversos de comunicação e informação, financeiro, etc., além daquelas interações ligadas a seus papéis como localidades centrais que continuaram a ser exercidos. Este papel de distribuidoras de bens e serviços a sua população, foram também

ampliados e diversificados face às alterações no padrão de consumo, reais ou criados, vinculados a diferenciação das classes e frações sociais.

Isto implica em que as relações estabelecidas por estes núcleos urbanos, ultrapassam os limites da própria rede, inserindo-os em escala nacional e internacional (mediante exportação da produção por exemplo), sem que para tal hajam ligações com os centros de maiores níveis de centralidade da rede (Londrina e Maringá). Ao mesmo tempo, estas cidades passaram a apresentar uma dinâmica de geração de empregos bastante importante, onde parcela significativa da população economicamente ativa, atua no setor industrial.

A especialização produtiva tanto em volume de produção, mão-de-obra ocupada, receitas municipais geradas, implicam no entendimento do acúmulo de papéis que os núcleos urbanos desempenham, independente de seu nível de centralidade, que se faz mediante o uso de potenciais presentes ou criados em cada um dos núcleos urbanos, seja mediante ação de uma elite local/regional ou pela ação de capitais extra-locais.

Da mesma maneira, as transferências industriais ou implantação de novas unidades produtivas vinculadas a diferentes origens de capital, denotam outro processo de complexificação da rede urbana, na medida em que as mesmas atingem diferentes núcleos urbanos. Desde aqueles centros como Londrina com nível de centralidade muito forte, até aqueles com centralidade muito fraca e cujas alterações são bastante distintas.

A implantação de unidades produtivas industriais em núcleos como Cambará e Assaí, provocou inicialmente a presença de uma nova função e/ou ampliação da mesma, mas em patamar bastante elevado. A começar pela geração de emprego (cerca de 1500 em Cambará, com as unidades da Panco e Yoki); pelo incremento significativo das interações espaciais estabelecidas; pela ampliação da massa salarial e suas repercussões sobre o consumo, dentre outros.

Para cidades como Londrina, a ampliação das unidades produtivas industriais são importantes mediante a oferta de empregos, receitas, salários, exportações, etc. Contudo, não se pode dizer que as transferências industriais tenham provocado acréscimos e/ou alterações de funções, nem incremento significativo da mesma. Do ponto de vista da re-inserção dos núcleos com nível muito forte de centralidade, não houve alterações, a não ser pela ampliação de uma função presente. Claro que os ramos e setores industriais tornaram-se mais diversificados a partir das transferências, mas há que se considerar que para Londrina, a mesmas trouxeram outras implicações. Parte das unidades transferidas pesquisadas, localizaram-se adjacente ao este núcleo em razão dos custos produtivos e vantagens obtidas. No entanto, estas unidades acabam por ter em Londrina a obtenção de bens e serviços diversos à produção, bem como sede de residência de parcela dos proprietários, gerentes e outros funcionários melhor remunerados.

A análise e compreensão da rede urbana norte-paranaense em período mais recente, impõe a necessidade de se realizar outras pesquisas que procurem dar conta da ampla diversidade de processos industriais que afetam a re-inserção dos núcleos urbanos, não importa seu nível de centralidade. É preciso mediante recentes processos de industrialização (transferências industriais, investimentos de capital local/regional, ampliação e diversificação daqueles setores presentes desde os anos 1970 –as agroindústrias, por exemplo), analisar uma nova participação da rede urbana na divisão territorial do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABIMOVEL. Panorama da indústria brasileira de móveis. Disponível www.abimovel.com.br. Acesso em 06/05/03.
- APUCARANA. Prefeitura Municipal. *Cadastro: tributação*. Apucarana, jan. 2004.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *RAIS – Relação Anual de Informações Sociais* – 1990. Brasília, 1990.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *RAIS – Relação Anual de Informações Sociais* – 1996. Brasília, 1996.

- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *RAIS – Relação Anual de Informações Sociais* – 2000. Brasília, 2000.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *RAIS – Relação Anual de Informações Sociais* – 2002. Brasília, 2002.
- CÂMARA, M. R. et. al. *Clusters e a indústria moveleira de Arapongas*. Disponível em <www.dad.uem.br/cegepe>. Acesso em 06/05/03.
- CHRISTALLER, W. *Central places in southern germany*. Prentice-Hall INC, Englewood Cliffs, 1966.
- CORRÊA, R. L. *A rede urbana*. São Paulo: Ática, 1989.
- CORRÊA, R. L. Interações espaciais. In: CASTRO, I. et. al. (org). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 a.
- CORRÊA, R. L. Rede urbana: reflexões, hipóteses e questionamentos sobre um tema negligenciado. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 1, n. 1, p. 65-78, 2004.
- CORRÊA, R. L. Repensando a teoria dos lugares centrais. In: SANTOS, M. (org). *Novos rumos da geografia brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- CORRÊA, R. L. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- FRESCA, T. M. Industrialização no Norte do Paraná na década de 1990: transferência industrial e estratégias de crescimento. Bauru, *Ciência Geográfica*, v. 10, n 3, p 195-206., 2004.
- FRESCA, T. M. A rede urbana norte-paranaense e cidades especializadas em produções industriais: Arapongas, Apucarana e Cianorte. ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10, 2005. *Anais...* São Paulo: AGB, 2005. CD Rom. p. 5554-5574
- FRESCA, T. M. *Transformações da rede urbana do Norte do Paraná: estudo comparativo de tres centros*. 2000. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo.
- GEIGER, P. P. *Evolução da rede urbana brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1963.
- GORINI, A. P. F. *Panorama do setor moveleiro no Brasil com ênfase na competitividade externa a partir do desenvolvimento da cadeia industrial de produtos sólidos de madeira*. Disponível em <www.bndes.gov.br/bnset/set.801/pdf>. Acesso em 06/05/03.
- IPARDES. *Arranjos produtivos locais e o novo padrão de especialização regional da indústria paranaense na década de 90*. Curitiba: IPARDES, 2003.
- KELLER, E. C. da S. Redes urbanas. In: IBGE. *Geografia do Brasil: grande Região Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, 1968. v. 4, t. 2, p. 298-340.
- LOPES, C. Industrialização: Dixie inaugura fábricas em Londrina. *Folha de Londrina*, Londrina, 2 jul. 1998. *Folha Economia*, p. 3.
- MINUCCI, A. Histórico Bunge. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por fresca@uel.br, 10/03/2004:9:32hs.
- NEGRI, Barjas. *Concentração e desconcentração industrial em São Paulo: 1880-1990*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- RANGEL, I. *Economia brasileira contemporânea*. São Paulo: Bial, 1987.
- RANGEL, I. *Economia: milagre e anti-milagre*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SERCONI, L. *Os polos moveleiros do Sul do Brasil: estratégias de crescimento, inovação e gestão empresarial*. 2003. Dissertação (Mestrado) - UEL/UEM, Londrina.
- SOUZA, N.V. *Plantando chaminés: projeto histórico e biográfico do parque moveleiro de Arapongas*. Londrina: Gráfica Cortez, 1998.

Quadro 4: Empresas selecionadas implantadas na rede urbana do norte do Paraná: década de 1990 e início dos anos 2000

CIDADES	EMPRESA	PRODUTOS	MERCADO CONSUMIDOR	LOCAL/ORIGEM	ANO DE TRANS/ IMPL.
Londrina	Milênia Agrociências	fungicidas, herbicidas, acaricidas	Nacional - Agrofil, Cooperativas, Integrada	Israel/aquisição Defesa (RS)	1998
Londrina	Cimplast Embalagens Imp. e Exp. Ltda	embalagens plásticas	Milênia e outras	Oscarco-SP	1999
Londrina	Dixie Toga	embalagens e descartáveis	Nacional e exportação	São Paulo	1998
Cambe	Imp Bemis	Embalagens plásticas	Nacional	Aquisição pela Dixie - Bemis	1998
Londrina	Elevadores Atlas Schindler	elevadores e escadas rolantes	Nacional e exportação	São Paulo-SP	1998
Londrina	Eletronan Ind. E Com Ltda	peças elétricas	Fornecedora da Atlas	São Paulo-SP	1998/99
Londrina	JK Ind Metalúrgica Ltda	base de plataforma	Fornecedora da Atlas	São Paulo-SP	1998/99
Londrina	Prolind Componentes Ltda	itens de cabine	Fornecedora da Atlas	São Paulo-SP	1998/99
Cambe	Witur Ltda	Operador	Fornecedora da Atlas	Espinha	2000
Assaf	FIEEL	Chicote elétrico	Fornecedora da Atlas	São Paulo-SP	1998/99
Assaf	Tornelécica Junbo	Trefila da escada rolante	Fornecedora da Atlas	São Paulo-SP	1998/99
Londrina	Hussman do Brasil/ Thermo King do Brasil	Equipamentos de refrigeração	Nacional e América do Sul	Campanas-SP	1996/2001
Londrina	Basemetal Com. Ind. e Exportação	Cabinas de caixa eletrônica, abrigo p/ ônibus, bancas de jornal, etc.	Nacional	São Paulo-SP	1999
Cambe	Pato S.A. Ind. e Com. e Imp.	Cadernos e fechaduras	Nacional	São Paulo-SP	1997
Cambe	Inquima Ltda	fertilizantes foliares, micronutrientes	Nacional - Centro Oeste	Argentina	1999
Cambe	Hexal do Brasil	Farmacêutica	Nacional	Alemânia	2002
Cambe	Bunge Fertilizantes	Fertilizantes	Paraná e Mato Grosso do Sul		2000
Jacarezinho	Seara Alimentos	abate e corte de frangos/ paço	Nacional	Grupo Bunge Brasil - aquisição unidade Ceval	1997
Cordeiro	Macosel S.A. Manufatura de Café Solível	Café solível	Nacional/Exportação	Campanas-SP	1997
Pocopio	Solivel	autopeças para automóveis	São Paulo-SP	São Paulo-SP	1993
Cordeiro	Tornac Fabrice de Parafusos e Peças Torneadas	elemento da bomba injetora diesel	São Paulo-SP	Rio Grande do Sul	1994
Londrina	Palumar Ind. e Com. de Peças Automotivas	cabides, alças de malas, plástico	São Paulo-SP	São Paulo-SP	1998
Londrina	FT Ind. e Com. De Polímeros	anel vedação válvula pump	Botafogo, L. Água de Fio	São Paulo-SP	2002
Londrina	Trilite Paraná Peças Técnicas Ltda	Alimentos (derivados mangleca)	nacional	Implantação nova unidade	1995
Paranaí	Yoki Alimentos (Indemil)	Embalagens p/ medicamentos	nacional	Austerli/aquisição da Rexan	2003
Cambe	Anchor Flexible Brasil	alimentos	nacional	Implantação nova unidade	2000
Cambe	Panco	alimentos	nacional	Ataras	1995
Londrina	Sonoco	Papel e cartuchos	Brasil e exterior	Aquisição da Florença	1989
Londrina	Eliane Revestimentos	Revestimentos de piso	Brasil e exterior	São Bernardo do Campo	1995
Cambe	Yoki Alimentos	Alimentos deriv. milho e especiarias)	nacional	São Paulo	2004
Londrina	International Seals	Selos mecânicos/parafusos	nacional		2004
Arapongas	Kaion Espelhos e Vidros	Vidros e espelhos	nacional	Carais do Sul	2000

FONTE: Levantamentos de campo; Entrevistas realizadas